

APONTAMENTOS HERMENÊUTICOS SOBRE A MORTE EM FÁBULAS, CONTOS E POEMAS INFANTIS E INFANTO-JUVENIS AFRICANOS EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Juliana Vitória Nunes da Silva¹; Paloma Soares de Freitas²; Miguel Melo Ifadire³.

¹ Licencianda em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação junto ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAE/CFP/UFCG). E-mail:

juhhvictoria6@gmail.com.

² Licencianda em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação junto ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAE/CFP/UFCG). Bolsista de IC/CAPES. E-mail:

palomafreitassoares@gmail.com.

³ Docente dos cursos de Pedagogia e de Licenciatura em Educação do Campo da Unidade Acadêmica de Educação junto ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAE/CFP/UFCG). E-mail: crioulo.miguelangelo.melo@gmail.com.

Resumo:

O **objetivo** deste trabalho que nasce da necessidade em se refletir sobre a morte em fábulas, contos e poemas infantis e infanto-juvenis africanos em perspectiva intercultural. A **metodologia** deste ensaio fez uso da revisão integrativa de literatura a partir de investigações pioneiras baseadas em evidências, ou seja, sobre a morte e seu tratamento em fábulas, contos e poemas africanos. Os **achados da investigação** permitem afirmar que os distintos gêneros literários africanos e amefricanos têm plena capacidade de contribuir com os aspectos educacionais e interculturais, facilitando assim, as relações de ensino e aprendizagem com o sofrimento da morte, desde a infância. Conclu-se que a “Morte” é muito mais do que o fim da existência como é postergado pela filosofia ocidental, uma vez que crianças e adolescentes africanos não são socializados com a crença da verdade única em torno do aniquilamento do sujeito e/ou do corpo em si como são as crianças e adolescentes ocidentais, mas com a reintegração harmoniosa da morte à comunidade dos seus ancestrais.

Palavras-Chave: Morte; Hermenêutica africana; Fábulas, contos e poemas; Literatura infantil e infanto-juvenil africana; Interculturalidade.

1. Introdução

O presente ensaio desabrocha-se a partir de uma série de fatos ocorridos no Projeto de Iniciação Científica (IC) intitulado “**Documentar para brincar agora é só começar a educar. Narrativas antirracistas e interculturais da literatura infantil e infanto-juvenil africana e amefricana**”¹, quando nós nos aprofundávamos na coleta e levantamentos de dados - documentação, mapeamento e catalogação - acerca dos gêneros literários africanos e (fábulas,

¹ Projeto aprovado em Edital CGP-PRPG Nº 01/2025 – PIBIC com vigência 2025-2026 (01/09/2025 a 31/08/2026) que tem como objetivos de desenvolvimento sustentável a redução de desigualdades sociais conforme código da UFCG PVFP1371-2025 com Bolsa de IC CAPES.

parábolas, contos, rezas, histórias e contos infantis e infanto juvenis) traçados cronologicamente.

Por conseguinte, acentua-se que a partir desta fase se tornou possível iniciar a fase de leituras, traduções, fichamentos e interpretações hermenêuticas sobre os gêneros literários encontrados. Decerto, pontua-se, ainda, que o presente ensaio está vinculado à linha de pesquisa Educação Popular, Interculturalidade, Decolonialidade e Movimentos Sociais (EPIDEMOS) do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS).

Outro ponto a se considerar é que os gêneros da literatura infantil e infanto-juvenil africana e amefricana evidenciaram a emergência em se debater e pesquisar sobre a temática, apontando assim, a justificativa e o fomento de discussões e reflexões sobre a morte e sua receptividade através da ludicidade por crianças e adolescentes. De todo, avulta-se que o objetivo geral deste ensaio encontra respaldo na curiosidade provocativa que foi a base do projeto de iniciação científica, quando nós nos deparamos com a naturalidade que a “morte” é tratada, de modo geral, nos distintos gêneros literários africanos e afrodescendentes, sejam estes focados em narrativas sobre vivências entre humanos, sejam estes focados na ludicidade de narrativas entre humanos, entre animais e/ou entre humanos e animais (Ramos, 2015; 2005).

Assim, destaca-se o objetivo deste trabalho que nasce da necessidade em se refletir sobre a morte em fábulas, contos e poemas infantis e infanto-juvenis africanos em perspectiva intercultural. Além disso, acrescenta-se que, o mesmo, não irá focar nos gêneros literários narrativos ocidentais e/ou eurocêntricos, mas em gêneros advindos de artefatos culturais de narrativas africanas e amefricanas (Rosário et. all., 2021; Barbosa, 2019).

Por fim, acentua-se que se pensou, por um lado, em compreender a tematização da “morte e do morrer” na literatura africana e amefricana; e por outro lado, percebeu-se através da revisão integrativa de conteúdo, design metodológico deste ensaio, que a temática da “morte” é um campo de investigação, ainda, pouco investigado ou quase silenciado pelas diferentes disciplinas da Ciência da Pedagogia, quando muito, encontram-se estudos na sociologia e na antropologia da infância. Muito embora, a temática já venha sendo explorado e investigado por ciências outras da educação, as quais são muito próximas e dialogam intermitentemente com a pedagogia, a saber: a psicologia, a comunicação social e as letras.

2. Metodologia

A este respeito, destaca O'Rourke (2006) que já se vão quase 122 anos desde que Karl Pearson (1904) publicou em Londres o Relatório sobre certas estatísticas de inoculação da febre

tifoide na área da saúde, fazendo uso pela primeira vez, do método de revisão integrativa de literatura em estudos de aprimoramento de práticas baseadas em evidências. Em adição a isto, acrescentam Soares *et. all.* (2014) que a posteriori desabrocharam-se muitos estudos que aderiram a proposta das revisões de literatura, quando perceberam as vantagens potenciais dessa metodologia, tanto para os estudos de abordagens qualitativas, quanto para os de abordagens quantitativas, muito embora, não exista na atualidade consenso teórico-metodológico sobre a qual abordagem se dariam os melhores resultados.

À tona destas discussões metodológicas acrescenta-se que, muito embora, a revisão integrativa de literatura tenha o seu nascedouro na área da saúde, é admissível que ela se tornou um mecanismo tecnológico de grande utilidade para todas as ciências do conhecimento, exatamente por aprimorar tanto as distintas possibilidades de pesquisa bibliográfica como base de pesquisas, quanto por permitir que pesquisadores/as compreendam o estado atual da “arte pesquisada” e, respectivamente, possam planejar as fases subsequentes de todo processo de pesquisa. De fato, compreende-se que o processo de revisão de literatura não exigirá dos/as pesquisadores/as apenas competências para a realização de leitura crítica e avaliativa, mas também, a capacidade para filtrar os distintos (densos e complexos) resultados que aparecerão nas buscas em plataformas on-line (artigos em periódicos, livros online e digitalizados, teses e dissertações entre outras possibilidades).

Dentro desta linha de exposição acerca das tecnologias da informação, destaca-se a importância das bases de dados de plataformas científicas e de bibliotecas eletrônicas, por estarem disponíveis globalmente. Ao lado dessas exposições tornou-se decisivo a adesão tanto da metodologia de revisão integrativa de literatura, quanto da hermenêutica pedagógica para as abordagens de pesquisas qualitativas, as quais foram determinantes em todas as fases de processos e procedimentos de análise, de ressignificação e de interpretação da “morte” nos gêneros literários africanos, objetos dessa investigação.

3. Algumas considerações interculturais sobre a morte para a pedagogia e ciências da educação

A Ciência da Pedagogia, quanto as práticas didático-pedagógicas de ludicidade aplicadas à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I/II com adolescentes e jovens, terão, ainda, um longo caminho de aprendizagem para a alcançarem o respeito à diversidade, à igualdade, o reconhecimento do outro, a equidade e a justiça, ou seja, terão muito o que aprender para valorizar e defender a essência da educação antirracista e intercultural pela fomentação da educação das relações étnico-raciais nas escolas da Paraíba. Decerto, acentua-se a importância

de se refletir sobre as dificuldades que as escolas públicas tem, ainda hoje, de lidar com os processos de ensino e de aprendizagem em contextos de heterogeneidade e diversidade, os quais são recheados pela efervescência de diferenças e desigualdades, sejam elas socioculturais, sejam elas econômicas e/ ou religiosas (Melo, 2005).

Dessa forma, observa-se, ainda, que a presente IC revelou-se como um relevante mecanismo de análise crítica dos processos educativos de ensino e de aprendizagem, decorrentes da consideração de que a escola reproduz as ações de violência racial que fazem parte do cotidiano social de crianças e adolescentes. O conceito de educação intercultural vem sendo formulado e discutido no Brasil desde o início da década de 1980 (Maciel, 2011). Por conseguinte, aponta-se que dependendo do interesse de pesquisa e das referências científicas, o termo pode ganhar maior ou menor abrangência, principalmente, se observarem-se as inclinações das contemporâneas políticas educacionais de valorização e de ressignificação da educação em relações étnico-raciais e a, respectiva, incidência desta nos diversos conceitos didáticos, abordagens teórico-curriculares com planos de trabalho de fomento à educação intercultural (Brasil, 2008; Brasil, 1998; Brasil, 1997).

Desta forma, avulta-se que a abordagem da interculturalidade é um conceito que pode favorecer tanto à pesquisas diversas, quanto à didáticas de trabalho desde a infância até considerações didáticas no desenvolvimento cognitivo de adolescentes e jovens, levando assim, a que estes entendam que os encontros interculturais a partir da utilização de gêneros literários infantis e/ou infanto-juvenis africanos e/ou amefricanos podem se tornar um possível ponto de partida para os mais expressivos processos de ensino-aprendizagem nas distintas políticas de desenvolvimento educacional e social (Ifadireó, et. all., 2020). Demasiadamente relevante é a compreensão de que a abordagem educacional intercultural é uma perspectiva especial que pode facilitar os processos de ensinar e aprender a lidar com a dor e o sofrimento da perda de uma pessoa querida, mudando assim, significativamente o fluxo da morte e do morrer através da ludicidade, invés de uma abordagem unilateral e dolorosa de uma cosmoperspectiva finalista e de término da vida como a realizada pela matriz ocidental.

De acordo com Ifadireó et. all. (2018), compreende-se que a abordagem teórica intercultural fundamenta-se em um processo de aprendizagem “inter” + “culturalidade”, ou seja, é um processo de reciprocidade que se dá a partir do momento em que sujeitos envolvidos em situações interação social, permitem-se que o intercâmbio de saberes e sabedorias culturais ocorram e se ressignifiquem (Candau, 2010). Logo, acentua-se que tanto a morte, quanto o o morrer, são fenômenos que podem, positivamente, ser explorados, desde a primeira infância, através da interculturalidade e da troca de experiências entre o “nós” e o “outro” (Lisboa;

Ifadireó, 2018). Nesse sentido, observa Candau (2011) que o cotidiano escolar e as práticas pedagógicas devem perceber que a aprendizagem intercultural não é uma preocupação unilateral que aponta apenas peculiaridades culturais entre “nós” e “eles”.

No que concerne a isto, destacam Lisboa e Ifadireó (2018) que a compreensão intercultural fundamenta-se no fomento entre os costumes de uma maioria diante de uma minoria, mas sim, é um processo de ensino-aprendizagem que promove dialogicidade, reconhecimento, igualdade, respeito e enfrentamento da realidade entre duas ou mais perspectivas igualmente. Sob esta visão, aponta-se que após a revisão integrativa de literatura tanto sobre a temática da morte na literatura infantil e infanto-juvenil, quanto sobre os distintos gêneros literários africanos e amefricanos que foram catalogados e traduzidos (Correia, 2013; Etzel, 2007), aqui, serão interpretados a partir da perspectiva de que a morte não é o fim dos espíritos ancestrais (Guedes, 2023; Correia, 2013), mas o fardo da lembrança da liberdade que os africanos e afrodescendentes devem a si mesmos (Klinger, 2021; Soyinka, 2001).

Logo, pontua-se que a interculturalidade implica uma igualdade simultânea de oportunidade para os distintos processos de ensino-aprendizagem, uma vez que a ideia tanto promove a interação e o aprendizado entre cosmoperspectivas distintas, quanto favorece reflexões e inquietações dentro de nossas próprias culturas (Fanon, 1968). A este respeito, acentua Kenyatta (1965) que essa cosmoperspectiva faz parte da vida de crianças e adolescentes moigoi e wamboi, uma vez que há uma plena relação da morte com a “perpetuação da comunhão com os espíritos ancestrais através da luta pela liberdade africana, e na firme fé de que os mortos, os vivos e os nascituros se unirão para reconstruir os santuários destruídos” (op. cit., p. 15) pelo projeto escravagista das nações ocidentais em África e na diáspora africana no Novo Mundo (Ndakhupapo, 2024; Cesaire, 1978).

Por fim, avulta-se que os distintos gêneros literários africanos e amefricanos têm plena capacidade de contribuir com os aspectos educacionais e interculturais, facilitando assim, as relações de ensino e aprendizagem com, por exemplo, a dor da perda e/ou com o sofrimento da morte, desde a infância, uma vez que defende-se aqui que tanto a “morte”, quanto o “morrer” são categoriais sócio-culturais e históricas a serem exploradas pela percepção com as diversidades culturais que nos cercam e, que se tornam, cada vez mais prováveis pelo intercâmbio intercultural, que causado pela mobilidade, migração e acessibilidade digital em contextos de educação globalizada por sistemas econômicos, políticos, ecológicos e sociais (Mello; Baseggio, 2013; Vieira, 1996).

Dopamu (2006) referenda que o fenômeno da morte para os africanos e, especificamente, para os nigerianos-iorubanos, é um “fim necessário”, visto que a morte “Ikù” é “um ponto de virada final na vida dos seres humanos aqui na terra” (op. cit., p. 3). Demasiadamente importante é a cosmo percepção positiva, na etnia iorubana, que a morte tem desde a infância, a qual difere profundamente da perspectiva ocidental.

Por certo, destacam - o etnólogo nigeriano Dopapu e o pedagogo e teólogo Awolalu (1979) - em outro estudo, que os iorubanos “acreditam que a vida aqui na terra não é interminável” como assim acreditam os ocidentais, uma vez que “mais cedo ou mais tarde, o fenômeno chamado morte chegará ao homem”, pois, “não importa quanto tempo uma pessoa vida, a morte chegar como um fim necessário” (op. cit., p. 179).

Sob esta visão, acentua-se que, antes de apresentar os três achados (duas fábulas infantis e um poema infanto-juvenil) - acerca da morte, acrescentam os autores, como mencionado anteriormente, que na tradição iorubá² não apenas em Nigéria, mas em comunidades étnicas de países em que vivem os povos iorubanos e, respectivamente, reproduzem sua cultura, uma vez que se é ensinado “dos/as mais velhos/as aos mais novos/as” iorubanos e iorubanos descendentes que existem categorias diferenciadas da morte, a saber:

(...) a morte boa e a morte ruim, a morte de jovens e de idosos. A morte boa diz respeito àqueles que vivem até uma idade avançada, e são realizados ritos funerários completos a essas pessoas. As mortes ruins incluem aquelas causadas por outros fenômenos ou quando jovens morrem sem filhos ou antes da hora. Um exame completo das mortes ruins não deve nos deter aqui, uma vez que estamos preocupados principalmente com as mortes boas e a morte dos idosos (Dopamu; Awolalu, 1979, p. 179).

A respeito dessa premissa ancestral destacam-se, ainda, os entendimentos de Idowu (1973) e Mbiti (1970), quando avultam que para os anciãos e as anciãs, de um modo geral, não há a ansiedade, tampouco medo em relação à morte, pelo contrário, se é ensinado desde à infância que ela - a morte - além de ser uma certeza real e cultural, é o caminho mais seguro que existe para se voltar para casa; para junto dos ancestrais, ou seja, das divindades (Awolalu, 1979).

Dessa forma, apresentam-se alguns achados da IC que tratam diretamente da morte na cultura africana e, que não foram traçados como objetos específicos da nossa pesquisa, simplesmente, se apresentaram ao longo da investigação, a saber:

² Quando se fala da etnia-cultural dos povos de língua “Yorùbá” ou Iorubás no Brasil, deve-se estender tanto para a inclusão dos iorubanos viventes fora da Nigéria, quanto para os iorubanos migrantes e os afrodescendentes na própria África, no Novo Mundo e na Europa, por exemplo: Benim, Togo, Serra Leoa, Gana e Costa do Marfim; Brasil, Colômbia; Equador, Peru e Venezuela; Trinidad e Tobago, Cuba, Haiti, República Dominicana; Canadá, México e Estados Unidos, bem como, na França e no Reino Unido.

a) **Fábula: O Homem Morto e a Lua**³

Um velho viu um homem morto sobre quem a luz da lua morta sobre este refletia. Ele reuniu um grande número de homens, dirigindo-se a estes perguntando:

- Qual de vocês, homens valentes, se encarregará de levar este cadáver para a margem oposta do rio, e quem terá coragem de deixar este corpo à luz da Lua morta?

Dois tipos de homens corajosos se apresentaram ao velho homem; Um homem de pernas longas tomou conta do reflexo da lua, já o outro de pernas curtas tomou conta do corpo do homem morto. O homem de pernas longas que levava o reflexo da lua morta teve sucesso em sua ação; já o outro encarregado de levar o corpo do humano morto se afogou em virtude de suas pernas curtas ao atravessar o rio.

Logo, é por isso que a lua poente sempre retorna repetidamente, enquanto o homem, uma vez morto, nunca mais retorna.

b) **Fábula: A Origem da Morte e o Mito do Lábio Leporino**⁴

Certa vez, a lua enviou a lebre à Terra para dizer ao homem que, assim como ela (ou seja, a lua) ela poderia morrer e voltar à vida, e que assim como a lua, toda criança humana também deveria morrer e voltar à vida. Todavia, em vez de entregar a mensagem corretamente, a lebre, seja por esquecimento ou por malícia, disse ao povo que, assim como a lua apareceu e morreu, os homens também deveriam morrer e não voltar à vida.

Quando a lebre retornou à lua, a lua perguntou se ela havia entregue sua mensagem. Quando a lua ouviu o que ela tinha feito, ficou tão furiosa que pegou um machado e lançou sobre a lebre, visando atingi-la e partir a sua cabeça ao meio.

Todavia, o golpe foi muito curto e não chegou a causar o efeito desejado. Logo, o golpe do machado dado pela Lua só atingiu a lebre da mandíbula superior até o céu da boca.

Por ter sido muito ferida e ter sentido muitas dores, a lebre pediu mil vezes perdão à lua, que sentindo-se mal, livrou a lebre da dor e do sofrimento imediatamente, sarando suas feridas.

Muito embora tendo sido perdoada pela lua e ter seu ferimento curado, a lua não fechou a fenda da parte superior da boca da lebre, ficando este o ensinamento da Lua para com a Lebre.

É daí que vem o chamado lábio leporino, que pode ser visto até hoje em alguns seres humanos e outros animais. Logo, observa-se que alguns recém nascidos humanos, assim como as lebres, podem nascer com uma pequena fenda na parte superior da boca, causando uma visível separação entre os lábios, que pode se estender até o nariz e/ou ao céu da boca.

c) **Poema: Para os africanos, a filosofia está nas línguas**⁵

Morte depois de uma vida longa e feliz é gloriosa.

Se vivemos muito e morremos na pobreza e na desgraça.

Conseguimos nada além de tristeza.

Então se a morte vier depois de uma boa vida longa ou curta, devemos aceitá-la de boa fé.

E agradeça a Deus por uma vida bem passada.

Por que, se alguém perguntar, o homem deve sofrer a morte depois de tudo?

O Criador concedeu a morte aos seres humanos como uma bênção.

A vida é uma corrente que flui e flui para trás. Quando flui Fora, nós chamamos isso de morte.

Quando flui de volta, nós chamamos isso de renascimento.

Uma corrente que não flui e flui de volta.

Torna-se uma piscina estagnada cheia de impurezas que ameaçam a boa saúde.

³ Histórias da Guiné Equatorial reportadas por Casati (1991, p. 398).

⁴ Fábula contada por Sir James Alexander em uma viagem à Namíbia, na região da África Subsaariana (SCHIFFERS, 1980, p. 171).

⁵ Conto – por Sophie B. Oluwole e enviado por Toyin Falola, recontado e traduzido por Naiara Paula Eugênio em: yorubaaffairs@googlegroups.com <https://groups.google.com/forum/#!topic/yorubaaffairs/N3Hxab6...Ys>.

Sem morte não pode haver novo nascimento.

Morte nos leva para longe para o renascimento que nos trará de volta.

Nós morremos como inválidos, mas retornamos em uma nova saúde encontrada).

5. Achados nas interpretações hermenêuticas dos gêneros literários analisados

Os achados interpretativos das duas fábulas, do conto e do poema em tela anunciam evidências de representações outras em torno da morte, os quais contribuem para o fomento de uma educação antirracista e intercultural em face da literatura infantil e infanto-juvenil africana (Palo, 2019). Decerto, destacam-se alguns importantes achados e resultados que apontam a certeza de quão rica e fascinante são as cosmoperspectivas africanas para o fomento da identidade negra em crianças e adolescentes (Munanga, 2008). Trata-se, portanto, de não apenas “aprender sobre os outros”, mas sim em “aprender com os outros”, uma vez que “aprender com os outros” acentua o reconhecimento de outras perspectivas, outros modos de vida e de se pensar a própria vida, ou seja, em desenvolver-se conjuntamente e coletivamente, aprendendo que existem outras formas de se interpretar a vida e a morte dentro de uma perspectiva antirracista e intercultural hábil para levar a inquietações e questionamentos sobre a nossa posição e atitudes em relação ao desconhecido (Soares; Lisonjeado, 2021; Souza, 2019).

Por certo, acentua-se a importância da hermenêutica africana para todos os gêneros literários que aqui foram listados, uma vez respeitando à idade o estágio de desenvolvimento cognitivo desde a educação infantil (crianças de até 5 anos), ensino fundamental I e II (crianças e adolescentes), visando assim, a promoção de reflexões não apenas sobre a natureza da finitude humana, mas também no fomento de práticas pedagógicas que estejam em aderência com os pilares dos campos de experiência da BNCC em conectividade com os princípios éticos e didático-pedagógicos das diretrizes gerais que compõem as DCNs (Brasil, CF 1988; Brasil, Lei 9.394/96).

O primeiro gênero literário africano é uma fábula que traz a rubrica “O Homem morto e a Lua” e revela a possibilidade de incremento de mecanismos cognitivos como recurso didático-pedagógico para a formação humana – através do fomento à imaginação, à atenção, à linguagem, à convivência, a ludicidade, as brincadeiras, a exploração e o conhecimento do outro e seus artefatos culturais - em torno dos sentidos e significados da morte para além da matriz ocidental. Por conseguinte, é válido ressaltar que a reflexão sobre a fábula em sala de aula, tanto com crianças pequenas, quanto com adolescentes permitirá o desenvolvimento de habilidades sobre distintos simbolismos que estão imbricados pela oralidade, trazendo conexões sobre a origem da morte e suas nuances entre a cosmovisão de mundo físicas que são visíveis aos olhos humanos e, respectivamente, entre as cosmoperspectivas espirituais que são invisíveis.

O enlace provocativo desta fábula, em sala de aula, levaria crianças e adolescentes a pensar a partir dos simbolismos presentes através da ludicidade e da dialogicidade: a lua e suas fases em constante renovação o morrer entre o estado “minguante” da lua nova; e o renascer a partir do estado “crescente” da lua cheia. A lua em sua imortalidade e infinitude quando é refletida por suas diferentes fases, consegue atravessar o rio da morte e voltar; já o homem é representado pela mortalidade, por suas limitações físicas e espirituais, ao tentar atravessar o rio, afunda e morre, não consegue retornar. A simbologia da fábula entorna a interpretação metafórica de que o ser humano, diferente da lua, é mortal e tem uma expectativa de tempo e de espaço que é selado pelo ciclo da vida e por sua finitude.

O segundo gênero literário africano é uma **outra fábula** que traz a rubrica “**A Origem da Morte e o Mito do Lábio Leporinno**”. A fábula também discute o projeto da Lua (Deus/a Criador/a) acerca imortalidade do Ser (Criaturas Humanas), muito embora, devido a falhas na comunicação entre a Lua e a Lebre, esse estado de imortalidade das criaturas humanas foi interrompido. Diferentemente da lua que é imortal, uma vez que morre e renasce, o ser humano, perdeu a chance de “morrer e voltar”, ele “morrerá definitivamente. Na segunda parte, a fábula ensina que a teimosia e o desrespeito com os anciãos é uma ação que não pode ser tolerada, pode até ser amenizada, mas jamais esquecida e/ ou perdoada; a mensagem da metáfora da fábula é que, por um lado, a malícia e a má-fe não poderá jamais ser compensada; e por outro lado, evidencia tanto a fragilidade e a mortalidade de seres humanos e bestas diante do/a Deus/a Criador/a, quanto a importância do ouvir e refletir sobre o erro de nossas ações e atitudes, que danos a longo prazo e até eternos poderá nos causar.

Do mesmo modo, chega-se ao **terceiro** e último **gênero literário** em forma de **poema**, o qual na verdade trata-se uma crítica ao hegemônico pensar filosófico ocidental da matriz cultural helênica ou grega, quando traz a rubrica “**Para os africanos, a filosofia está nas línguas**”. O poema é da filosofia nigeriana Sophie Oluwole e, devido a sua complexidade hermenêutica, seria de maior proveito a provocação, em sala de aula, com adolescentes nos últimos anos do ensino fundamental II ou jovens no ensino médio. Sob esta visão avulta-se que o poema em tela leva a reflexão crítica da hermenêutica africana na contramão da hermenêutica ocidental.

O poema em tela promove a valorização da oralidade das línguas e dos artefatos culturais africanos enquanto bens da humanidade, principalmente, por pleitear de forma poética, que a morte é uma certeza e que deve ser entendida como um fenômeno de felicidade, assim como a vida, pois, deve-se compreendê-la como feliz e gloriosa para não cairmos na desgraça e no desespero da tristeza, mesmo que a vida seja curta, devemos tanto vivê-la

majestosamente, quanto devemos agradecer ao/à Deus/a Criador/a (Olodumarè) pela benção de poder tê-la vivido felizmente.

O poema levará tanto o/a estudante a refletir sobre suas angústias, medos, decepções, expectativas e frustrações, quanto a repensar sobre sua vida e o quão fluida é a vida, que de uma hora para outra, pode fluir para o que chamamos de morte. Diga-se, uma morte é como o renascimento da lua, que acontecerá uma hora. É essa a certeza absoluta e, exatamente, por isso, devemos retirar de nossa vida, qualquer possibilidade de desarranjo, desacordo, desagradados, ou seja, de impurezas, que possam nos impedir de viver e de aproveitarmos, ao máximo, cada momento de felicidade, de alegria e de felicidade em nossas vidas.

Com certeza, o poema nos chama a refletir que o seguro caminho da morte poderá ou não levar para um renascimento, pois, assim como são as infinitas mudanças nas fases da lua - nova, crescente, cheia e minguante) - que influenciam tanto as marés das águas do oceano, podendo ser cheias ou mortas, altas ou baixas, quanto as luzes que nos ajudam a enxergar na escuridão, a morte é um caminho lunar inquestionável. Portanto, demos aceita-la e não a temer, uma vez que o/a Deus/a Criador/a (Olodumaré) criou Ikù (a morte) para garantir a dinâmica da vida para aqueles/as que finalizaram o seu ciclo. Logo, dentro desta lógica da cosmoperspectiva africana iorubá, percebe-se que a vida e a morte são polaridades que se complementam e não como compreendem os ocidentais helênicos, quando acentuam que a vida e a morte são conceitos auto repelentes por serem motivados por uma densa e contínua profunda oposição, ou seja, a morte e a vida na cosmovisão eurocêntrica helênica, são antagonicos por natureza que criam e recriam obstáculos que repetidamente, precisam ser combatidos.

Por fim, acentua-se que a partir das interpretações hermenêuticas realizadas aqui, é possível extrair que os gêneros literários infantis e infanto-juvenis acima podem seguramente ganhar espaço e na escola, uma vez que a escola deve ser um lugar de confronto e de aprendizagem “sobre si” e “sobre o outro” que é desconhecido, ou seja, a escola, deve ser o lugar onde crianças e adolescentes de diferentes origens, étnico-raciais, culturais, religiosas e classistas se encontram para aprender e reaprender juntos.

6. Conclusão

A educação intercultural foi incorporada como base teórica fundamental para a imersão no tema deste ensaio, uma vez que ela permite que os/as pesquisadores/as conseguissem compreender outras cosmoperspectivas, superando o eurocentrismo helênico, praticado e exacerbado tanto pela hermenêutica geral, quanto pela filosofia ocidental. Por certo, é inegável que a prática da empatia à matriz cultural ocidental reflete-se nas experiências do

cotidiano que se dão na escola, visto que há um consenso generalizado de que os gêneros literários ocidentais são os únicos a serem empreendidos nas práticas de ludicidade, jogos e brincadeiras escolares, visto que a matriz ocidental é quem conduz ao desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes (Ndakhupapo, 2024).

Por conseguinte, destacou-se aqui a relevância da valorização dos gêneros literários africanos, os quais acentuaram que as representações sociais e culturais da morte podem e devem ser tratadas desde a educação infantil como um positivo processo transitório – Bastide (1953), Sodré (2017), Capone (2011) -, ou seja, um processo de passagem que indica possibilidades de reorganização e de reencontro com nossas comunidades ancestrais (Augras, 1994). A este respeito, avulta Mantoan (2008) que tanto as diferenças, quanto a diversidade cultural entre outras questões, fazem parte do cotidiano escolar. Por sua vez, destaca Candau (2007) que é preciso reinventar a escola, principalmente, se tentarmos entender que a escola está caracterizada por desafios e incertezas entre as possíveis relações de certeza que se dão desde a consulta crítica aos materiais didático-pedagógicos, currículos entre outras imprecisões que caracterizam os grandes desafios da contemporânea educação escolar.

De certo, asseveram alguns estudos investigativos acerca da morte, da infância e da ludicidade da morte - Silva (2024), Rosário et. all. (2021), Souza e Pinto (2020), Oliveira et. all. (2020), Sanches (2016), Ramos (2015), Mello e Baseggio (2013) entre outros estudos - na literatura infantil e infanto-juvenil que o fenômeno da morte, ainda, é um grande dilema a ser ressignificado tanto pela ciência da pedagogia, quanto pelos profissionais que trabalham na escola (Conrad; Schwetner, 2018; Lopes, 2013). Em adição a isto, acentua-se que todo/a leitor/a e/ou contador/a de fábulas (parábolas, contos) que pega um livro de gêneros literários infantis e/ou infanto-juvenis como recurso didático-pedagógico para trabalhar em sala de aula, seja na educação infantil, seja no ensino fundamental I/II, se depara com experiências de um pensar, predominantemente, eurocentrado em torno da morte (Azevedo, 2003; Serequeberhan, 1991) ou de como atenuar o impacto da morte desde a infância (Silva, 2024; Souza; Pinto, 2020), mas nunca em ensinar que a morte é o fim em si mesma, ou seja, a volta a origem e para junto de nossa ancestralidade (Dopamu, 2006; Dopamu; Awolalu, 1979; Awolalu, 1979).

O que isso significa hermenêuticamente falando? Significa que a morte, por um lado, é elaborada negativamente, a partir de relações de terror pelo sofrimento que indicam o fim absoluto do ciclo da vida, ou seja, o término, o silêncio e o eufemismo de choro e de isolamento que poderá retratar um castigo ou uma condição de interpretação religiosa que levará a redenção (Kovács, 2021; Ringtved, 2020; Naranjo, 2018); e por outro lado, a morte pode ser trabalhada positivamente como uma forma de passagem que permite a reorganização ancestral do Ser e

não como um fim algo assustador, trágico e doloroso, mas como um acontecimento natural de aprendizagem sem medo, ou seja, uma aprendizagem dialógica com a ancestralidade e com as memórias vivas da e na comunidade/ família, que implicam na cresça da infinitude do Ser, visto que a morte não é o fim, mas o trânsito da crença de que a morte marcará uma nova vida através do retorno às origens ancestrais da coletividade (Bâ, 2003; Ki-Zerbo, 1972; Frobenius; Fox, 2011 [1937]).

Sob esta visão acentuam Hurtado, González e González (2010) sobre a relevância dos contos afrocolombianos, inspirados, na tradição cultural africana como mecanismo educativo - intercultural e antirracista – de cultivar possibilidades outras de se trabalhar a morte de forma lúdica desde à infância e/ ou à adolescência em sala de aula. Logo, destaca-se que a valorização da hermenêutica africana que abre um leque de possibilidades para se promover, em sala de aula, possibilidades outras de alívio e de enfrentamento a dor e ao sofrimento sob o foco da educação em relações étnico-raciais, da interculturalidade e de práticas didático-pedagógicas antirracistas a partir de visões outras sobre a morte (Silva, 2024). Como referenda o estudo etnográfico de Junod (1996) sobre os usos e costumes dos Bantu, quando a vida do indivíduo é avaliada, desde o nascimento até a morte. O etnólogo assevera que a “Morte” é muito mais do que o fim da existência como é postergado pela filosofia ocidental, uma vez que crianças e adolescentes africanos não são socializados com a crença da verdade única em torno do aniquilamento do sujeito e/ou do corpo em si como são as crianças e adolescentes ocidentais, mas com a reintegração harmoniosa da morte à comunidade dos seus ancestrais (Serequeberhan, 1991; Junod, 1996).

Corroborando com esta inquietação Melo, Dias e Silva (2018) apontam que a morte é personificada na figura de Iku que irá acompanhar o indivíduo morto em sua transição existencial ao Ará-Òrun, tempo em que o axé (força vital) terá para se reestruturar não apenas na relação com as divindades, mas também na memória e lembranças dos que ficaram no Aiyê (terra), pois, para os iorubas “só morremos se formos esquecidos” pela coletividade. Além disso, acentua-se que o vínculo com a comunidade é o recurso fundamental e transitório para a nova vida na coletividade ancestral. E é exatamente por isso que essa cosmoperspectiva vai de encontro à perspectiva ocidental do fim absoluto, uma vez que ela, reconhece o retorno, a transformação, o equilíbrio e a reordenação do indivíduo morto com as relações comunitárias no Orun.

Logo, observa-se que a morte não é punição, é uma continuidade que nega, nas narrativas dos gêneros literários acima, o apagamento simbólico de quem partiu, já que há uma sólida valorização da ancestralidade. Sobre essa visão, destaca Salami (2014) que estes Egbé

(comunidades ancestrais) não se foram, mas que coletivamente, ainda, permanecem de alguma forma presentes na vida dos entes que estão vivos, uma vez que o “Egbe pode ser descrito como o Grupo Celestial de Pares de um ser humano” (op. cit., p. 12) que vêm do Orun (céu) para nascer no Oiyè (terra), fato este que indica que a vida, não se esgota com a morte do corpo.

Por fim, avulta-se que o presente ensaio buscou demonstrar a fundamental importância da educação intercultural - seus conceitos, princípios e objetivos - como estratégia de combate ao preconceito e ao eurocentrismo que impede cosmoperspectivas outras de serem trabalhados na escola. Educar é conscientizar criticamente que existem tradições culturais internalizadas pela unicidade do discurso civilizatório ocidental que impõe noções eurocêntricas de superioridade cultural que nos impedem de ressignificar visões outras de ler e interpretar o mundo.

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. Os gêmeos e a morte. Notas sobre os mitos dos Ibeji e dos Abiku na cultura afrobrasileira. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Escritos sobre a religião dos Orixás**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Axis Mundi, 1994, p. 73-84.
- AWOLALU, Joseph Omosade. **Yoruba Beliefs and Sacrificial Rites**. Londres: Longman, 1979, 275p.
- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. 1.ed. – São Paulo: Ática, 2003.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkollé, o menino fula**. Tradução Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas e Pallas Athena, 2003.
- BARBOSA, Jaine de Sousa. **A morte e o morrer em contos de Perrault, Irmãos Grimm e Andersen**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Março, 2019.
- BASTIDE, Roger. Cavalos de santo. In: **Estudos afro-brasileiros**. 3ª série. São Paulo: FFCL/USP, 1953. (Boletim n. 154 da FFCL/USP, Série “Sociologia”, n. 3). p. 29-60.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Pluralidade Cultural. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assunto Jurídicos. **Lei nº. 11.645**, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 233-255, 2011.

CANDAU, V. M. **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 284 p.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAU, Vera Maria (Org). **Reinventar a escola**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAPONE, Stefania. **Os yoruba do novo mundo. Religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos**. Tradução de Márcia Atália Pietroluongo. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

CASATI, Major Gaetano. [Zehn Jahre in Äquatorialguinea und die Rückkehr mit Emin Pascha. Aus dem italienischen Originalmanuskript ins Deutsche übersetzt von Karl von Reinhardtstöttner.](#) Bamberg: Buchner Verlag, 1991.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Tradução Noémia de Sousa. Lisboa: Sá Costa Editora, 1978.

CONRAD, Jaqueline Maria; SCHWETNER, Suzana Feldens. Contando histórias sobre a morte: uma análise dos livros do PNBE para crianças. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 29, n.3, p.148-164, Set./Dez., 2018. ISSN: 2236- 0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i3.5202.

CORREIA, Graça Maria do Rosário Ribeiro. **A Morte na Literatura Infanto-Juvenil: da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense. Porto/ Portugal, 2013.

DOPAMU, Adelumo Peter. Change and Continuity: The Yoruba Belief in Life after Death Institutional Affiliation. In: DOPAMU, Adelumo Peter. **Continuity and Change: Perspectives on Science and Religion**. Ilorin, Nigeria: Department of Religions, University of Ilorin, June 3-7, 2006, p. 1-15.

DOPAMU, Adelumo Peter; AWOLALU, Joseph Omoşade. **West African Traditional Religion**. Ibadan: Onibonoje Press & Book Industries, 1979.

ETZEL, Theodor. **Fabeln und Parabeln der Weltliteratur mit 101 Originalillustrationen.**

Köln: Komet Verlag, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FROBENIUS, Leo; FOX, Douglas C. **African Genesis: Folk Tales and Myths of Africa.** New York: Dover Publications, 2011 [original, 1937].

GUEDES, Gabriela Vivente. **Análise das representações da morte na literatura infantil e seus impactos na elaboração do luto pelas crianças.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Graduação- Bacharelado em Psicologia. Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, 2023.

HURTADO, Baudilio Revelo; GONZÁLEZ, Camilo Revelo; GONZÁLEZ, Carolina Revelo (compiladores). **Cuentos para dormir a Isabella. Tradición Oral Afropacífica Colombiana.** Recopilación y Prólogo Baudilio Revelo Hurtado. Tomo VIII, Bogotá, Colombia: Ministério de Cultura, República de Colombia. Biblioteca de Literatura Afrocolombiana, 2010.

IDOWU, Emanuel Bolaji. **African Traditional Religion: a Definition.** Maryknoll, N.Y.: Orbis Books, 1973.

IFADIREÓ, Miguel Melo *at. all.* Educação Intercultural e suas Ambivalências com o Estranho. Um Estudo Sobre a Representação Social do Negro no Livro Didático. **ID on Line. Revista De Psicologia**, 13(43), 1081–1104, 2018.

IFADIREÓ, Miguel Melo *at. all.* Por uma pedagogia da interculturalidade como alternativa à violência escolar: um estudo de caso na cidade de Juazeiro do Norte-Ce. **RIEC - Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências.**, v. 3, nº. 1, 2020.

JUNOD Henri. **Usos e Costumes Bantu** (Tomo 1 e 2). Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique. Documentos 3, 1996.

KENYATTA, Jomo. **Enfrentando o Monte Quênia.** Nova York: Random House, 1965.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra.** Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

KLINGER, Ellen Fernanda. **A Criança e a morte: a expressão das perdas e conflitos por meio dos contos de fadas.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO, 2021.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: quebrando paradigma.** Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021.

LISBOA, Emanuel Jackson; IFADIREÓ, Miguel Melo. Educação Intercultural e Integração Social: Uma Proposta Pedagógica para a Docência no Sistema de Ensino da Cidade de

Parnamirim/PE. ID on Line. *Revista De Psicologia*, v. 12, nº. 42, Suplemento 1, 759–776, 2018.

LOPES, Thaís de Carvalho Rodrigues. **Era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Habilitação em Produção Editorial junto à Escola de Comunicação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro RJ, 2013.

MACIEL. Regimere. O Racismo, multiculturalismo e ações afirmativas. **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MBITI, John Samuel. **Concepts of God in Africa**. London: SPCK, 1970.

MELLO, Amanda Reginato de; BASEGGIO, Denice Bortolini. Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida. **Revista de Psicologia da IMED**, Jan.-Jun, 2013, num. espec. v. 5, n. 1, p. 23-31.

MELO, Jaciara Lara de. **“Né, quando a gente morre, a gente não vira estrela?”**. A temática da morte na literatura infantil. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Pedagogia. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2013.

MELO, Miguel Ângelo Silva de et. al. Morte e o morrer nas religiões de matrizes africanas sob o olhar da etnofilosofia e da pedagogia intercultural. In: MELO, Miguel Ângelo Silva de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; TORQUATO, Emanuel Marcondes de Souza; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de (Org.). **Ars Moriendi, a morte e a morte de si: representações da morte real e simbólica sob o foco da interdisciplinaridade**. Alexa Cultural: São Paulo, 2018, p. 199-234.

MELO, Miguel Ângelo Silva de. **Deutschsprachige Einwanderung im Rio Grande do Sul. Integration, Sprache und kulturelle Identitaet im Spannungsfeld von Politik und Schulwesen**. 2005. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Universität Hamburg, Hamburg, 2005.

MELO, Miguel Ângelo Silva de; DIAS, Karollyne Magalhães; SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e. Morte e o morrer nas religiões de matrizes africanas sob o olhar da etnofilosofia e da pedagogia intercultural. In: MELO, Miguel Ângelo Silva de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; TORQUATO, Emanuel Marcondes de Souza; QUEIROS, Zuleide Fernandes de. **Ars Moriendi, a morte e a morte de si: representações da morte real e simbólica sob o foco da interdisciplinaridade**. Embu, SP: Alexa Cultural, 2018, p. 199-234.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NARANJO, Javier. **Casa das Estrelas: O Universo pelo olhar das crianças**. 2 ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. RINGTVED, 2020.

NDAKHUPAPO, Desideria Hatupuilikine. Contos e fábulas da literatura oral tradicional angolana, do povo Kwanyama Província do Cunene. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras** São Francisco do Conde, BA. Vol. 4, nº 2, p.377-384, 2024.

O'ROURKE, Keith. An historical perspective on meta-analysis: dealing quantitatively with varying study results. Commentaries on the history of treatment evaluation. **The James Lind Library Bulletin**, Edinburgh, Scotland: 579-582, 2006.

OLIVEIRA, Daniela Ponciano *et. al.* A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil. **International Journal of Development Research** Vol. 10, Issue, 10, pp. 41120-41124, October, 2020 <https://doi.org/10.37118/ijdr.19773.10.2020>.

PALO, Maria José. Literatura de infância: a fábula infantil. **FronteiraZ** - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, nº. 23, dezembro, 2019, p. 189-204.

RAMOS, Ana Margarida. As fábulas e os bestiários na literatura de recepção infantil contemporânea. **Forma Breve – Revista de Literatura**. Nº. 3, 2005, Universidade de Aveiro, p. 169-194. RAMOS, Ana Margarida. **Fábulas e parábolas: aproximações aos livros para crianças de Luandino Vieira**. [De Luanda a Luandino: Veredas. orto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, 2015, p. 183-189.](#)

RAMOS, Ana Margarida. Reescrever a morte na narrativa infantil portuguesa contemporânea. **Tropelías**. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada, 23, 2015, p. 151-162.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

ROSÁRIO, Rebeca Rezende *et. al.* A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil. **International Journal of Development Research**, Vol. 11, Issue, 11, pp. 51991-52000, November, 2021 <https://doi.org/10.37118/ijdr.23313.11.2021>.

ROSÁRIO, Rebeca Rezende *et. all.* Quer que eu conte outra vez? A morte e o luto retratados nos contos de Andersen. **International Journal of Development Research**, vol. 11, Issue, 11, pp. 51991-52000, November, 2021.

SALAMI, Ayò. **Egbé. The Heavenly mates of Every Human**. Òyó Nigeria: Faggbenga Ventures, 2014.

SANCHES, Patrícia Capano. **A morte na literatura infantil: uma leitura de ‘O coração e a Garrafa’ de Oliver Jeffers**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Especialização em Literatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (COGEAE/ PUC-SP). São Paulo, SP, 2016.

SCHIFFERS, Heinrich. **Afrika –Fabeln und Märchen**. Die Fantasie von Kindern und Jugendlichen über den afrikanischen Kontinent durch Tiere, Menschen und andere Wesen. München: C. Bertelsmann Verlag, 1980.

SEREQUEBERHAN, Tsenay. **African Philosophy: The Essential Read**. Saint Paul, Minnesota, USA: Paragon House, 1991.

SILVA, Daniele Soares Noronha da. **A morte na literatura infantil: representação e cuidado com o luto com crianças**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Letras, Língua inglesa e Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2024.

SOARES, Cassia Baldini; et. all. Integrative review: concepts and methods used in nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 48 (2), p. 329-339, 2014.

SOARES, Cintia Maria de Cerqueira; LISONJEADO, Felipe. Fábulas: o perigo de uma história única. In: **Anais SIMEDUC – 10º. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação**, Eixo 06: Educação, Comunicação, Informação, Direitos humanos e Cidadania. 24 a 26 de março de 2021, p. 1-12.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 238 p.

SOUZA, Nair Marielly das Chagas. **Relato de experiência: o projeto “fábulas africanas” como processo de aprendizagem**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Pedagogia. Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Belém, PA, 2019.

SOUZA, Shirlene Rohr de; PINTO, Aroldo José Abreu. Personagens ímpares na literatura infantil: a Morte e o Diabo. **Revista Alere – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL)**. Ano 13, Vol. 21, nº. 01, jul. 2020, p. 69-94.

SOYINKA, Wole: **O fardo de lembrar. O que a Europa deve à África - e o que a África deve a si mesma**. Ratisbona, 2001.

VIEIRA, Ricardo. Mentalidade, Escola e Pedagogia Intercultural. **Revista de Educação, Sociedade e Culturas**, 4, 127 – 147. **VII Colóquio sobre Questões Curriculares/ III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares: Globalização e (Dês)igualdades: os desafios curriculares**. 9-11 de Fev, Braga, Universidade do Minho, 1996.